

O espírito da intimidade, o amor e a vivência d'A menor mulher do mundo: entre Sobonfu Somé e Clarice Lispector

Adrielly da Silva Gomes*

André Luís Araújo**

Resumo: Diante de uma sociedade estruturalmente patriarcal e racista, deseja-se realizar uma leitura que coloque em perspectiva *O espírito da intimidade*, de Sobonfu Somé, e o conto *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector, evidenciando as divergências entre Ocidente e Oriente. No conto, a personagem é vista pelos ocidentais de forma racista, devido à visão eurocêntrica que compõe a estrutura social e a visão social dos indivíduos. Assim, o objetivo central deste artigo é evidenciar outra episteme possível, buscando descentralizar a percepção eurocêntrica da mulher negra por meio do pensamento filosófico da escritora africana Sobonfu Somé, que estuda o amor.

Palavras-chave: *A menor mulher do mundo*. Clarice Lispector. Sobonfu Somé. *O espírito da intimidade*.

Abstract: In a society structurally patriarchal and racist, want to perform one read that put in perspective *O espírito da intimidade*, by Sobonfu Somé, and the tale *A menor mulher do mundo*, by Clarice Lispector, evidencing the divergences between West and East. In the tale, the character is seen in a racist way by the westerners because of the eurocentric view that compose the social structure and the social view of the individuals. Therefore, the general objective of this article is to show other epistem seeking to decentralize the eurocentric perception about Black women through the philosophic thinking of the african writer Sobonfu Somé, that studies love.

Keywords: *A menor mulher do mundo*. Clarice Lispector. Sobonfu Somé. *O espírito da intimidade*.

Resumen: Frente a una sociedad estructuralmente patriarcal y racista, se desea realizar una lectura que ponga en perspectiva *El espíritu de la intimidad*, de Sobonfu Somé, y el cuento *La mujer más pequeña del mundo*, de Clarice Lispector, evidenciando las diferencias entre Occidente y Oriente. En el cuento, el personaje es visto por los occidentales de forma racista,

* Mestranda na Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), bolsista Capes. <http://orcid.org/0000-0003-4069-0790> / E-mail: adriellygomes2951@gmail.com.

** Doutor em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio pós-doutoral na Universidade de Salamanca, na Espanha. Professor do Curso de Letras e da Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). <http://orcid.org/0000-0003-2542-0733> / E-mail: andre.araujo@unicap.br.



debido a la visión eurocéntrica que conforma la estructura social y la visión social de los individuos. Por tanto, el objetivo principal de este artículo es evidenciar outra posible episteme, buscando descentralizar la percepción eurocéntrica de la mujer negra a través del pensamiento filosófico de la escritora africana Sobonfu Somé, que estudia el amor.

Palabras clave: *A menor mulher do mundo*. Clarice Lispector. Sobonfu Somé. *O espírito da intimidade*.

Introdução

A menor mulher do mundo, de Clarice Lispector, é um importante e abrangente conto que relata a vivência de “Pequena Flor”, um ser existente em uma comunidade africana e descoberta pelo homem explorador. No texto, Lispector exerce seu talento como escritora para realizar uma escrita ampla e repleta de problemáticas sociais para serem analisadas e discutidas. Com maestria, encontram-se a vivência da mulher em sociedade, o racismo estrutural e científico, a desigualdade racial, as diferenças culturais, assim como imposições sociais do ser mulher. Além da vivência da menor mulher do mundo, será levado em consideração, para o presente artigo, um ponto de extrema importância: o amor “da pigmeia”, tão distinto daquele a que o colonizador estava acostumado.

Nesse sentido, *A menor mulher do mundo* pode ser lido do ponto de vista racial, porque, a partir da protagonista, é possível refletir acerca da sociedade ocidental e sua sistemática fundada no racismo estrutural, lançando luz sobre como foi construída a visão eurocêntrica de mundo. Por isso, a importância de se analisar a chamada “Pequena Flor”, realizando analogias com *O espírito da intimidade* (2003), de Sobonfu Somé, visto que a reflexão, agora, vai orientar-se para uma perspectiva africana. A forma como a “pigmeia” ama é, pois, no texto, um elemento que causa estranhamento ao homem ocidental, evidenciando uma concepção distinta de amor.

Apesar de a obra de Sobonfu Somé (2003), originária do Burkina Faso, não tratar da mesma região onde a protagonista do conto estava vivendo, as profundas florestas do Congo Central, a divergência epistemológica entre Ocidente e Oriente, na perspectiva de Edward Said (2007), é o que há de mais visível. Afinal, a fotografia de “Pequena Flor”

foi publicada no suplemento colorido dos jornais de domingo, quando muitos leitores, pelo que tudo indica, do outro lado do oceano, no Brasil, puderam vê-la e esboçar suas reações.

Por essa razão, o livro e a forma como Somé (2003) explica o amor, a partir de um princípio de espiritualidade, liberdade e, sobretudo, comunidade se fazem importantes para realizar uma análise que considera as possíveis analogias, entendendo como o Ocidente está pautado pela maneira eurocentrada de pensamento. Há, portanto, uma forte exclusão daquele que não pensa da mesma maneira, exclui-se o que foi construído subjetivamente por outros princípios, e isso pode explicar a forma como a “pigmeia” é representada pelos personagens ocidentais no conto, isto é, as famílias que se surpreendem com a reportagem sobre a menor mulher do mundo, numa manhã de domingo.

Por meio do texto de Clarice Lispector, então, é possível pensar sobre o racismo científico, assim como explica Almeida, pois essa forma de racismo foi fortalecida pelo “espírito positivista no século XIX” (ALMEIDA, 2019, p. 29). Dessa forma, entende-se que os diversos questionamentos e afirmações sobre as diferenças humanas que menosprezavam e bestializavam indivíduos africanos, e fortaleciam discursos e imaginários de que eles não possuíam história, passaram a ser cientificamente aceitos (Cf. ALMEIDA, 2019). Desse modo, o papel do explorador francês Marcel Pretre, no conto, pode ser associado ao homem que está a favor da ciência, apenas para estudar, explorar, coisificar e nomear o que, para ele, parecesse estranho. Conseqüentemente, o que é encontrado precisa ser estudado, dado que se trata de uma *descoberta*. Assim, a partir daquele momento, a história do povo terá início; partindo da perspectiva do *descobrimento* do homem colonizador, ocorre um processo de legitimação, na ótica ocidental. Agora, o explorador pode nomear, porque agora “Pequena Flor” ganha até mesmo um nome e pertence ao colonizador, ela é o seu troféu e a sua contribuição para uma sociedade que não trata o negro como um humano, mas como um bicho, pelo que se pode ver nas falas de uma das personagens: ela manifesta ter uma “tristeza de bicho, não é tristeza humana” (LISPECTOR, 2016, p. 196).

Isso posto, a obra de Somé pode contribuir para uma percepção mais abrangente dessas questões que apontam divergências com relação ao *ethos* ocidental, quando a

própria filósofa registra, em seu livro, as diferenças entre suas vivências no Ocidente, local onde ela viveu, e a sua comunidade de origem, o povo Dagara (Cf. SOMÉ, 2003, p. 15). Por meio do estudo e de relatos pessoais da autora, é possível, assim, repensar a forma de amar no Ocidente, pois que é, muitas vezes, descrita como uma maneira perversa, no texto de Clarice Lispector. A contrapartida de Sobonfu Somé apresenta, então, o amor existente a partir da ideia de espírito, respeito, liberdade, equilíbrio entre os gêneros, e a sua construção se dá junto à comunidade, como bem se depreende da leitura de *O espírito da intimidade* (2003).

Por conseguinte, *A menor mulher do mundo* torna incontornável a discussão de problemáticas sobre racismo estrutural e orientalismo. A esse respeito, Edward Said enfatizará que o Ocidente necessitou do Oriente para firmar suas ideologias responsáveis por centralizá-lo no mundo. Dessa forma, segundo o autor, o Oriente foi imprescindível para a definição da Europa ou do Ocidente (Cf. SAID, 2007). É perceptível, no conto, a visão do Ocidente sobre o Oriente, de maneira mais amplificada, sem dúvida alguma, como um ambiente exótico a ser estudado, digno de pena e com pessoas animalescas. Realizar, desse modo, essas identificações torna a abordagem do texto ainda mais relevante, pois o conceito de Oriente ultrapassa as fronteiras do que se convencionou chamar de oriental, cabendo uma tematização sobre as sociedades que estão fora do chamado eixo ocidental, como as sociedades africanas, com toda problemática do racismo estrutural.

Assim, o objetivo central deste texto é tornar evidente outra episteme possível e realizar uma descentralização da percepção eurocêntrica da mulher negra por meio do pensamento filosófico da escritora africana Sobonfu Somé, que estuda o amor. Para isso, pôs-se em paralelo *O espírito da intimidade*, de Sobonfu Somé, e o conto *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector. Nessa leitura, percebem-se as divergências entre Ocidente e Oriente e o imaginário social acerca desse último. A importância deste estudo, também se justifica quando se pensam os ideais ocidentais que permeiam nossa consciência formada em um seio que visa o Oriente como uma imensa massa de povos bárbaros ou extremamente pobres, sem levar em consideração o que a vivência popular e comunitária pode significar para diversas comunidades.

Outra episteme possível

O espírito da intimidade, de Sobonfu Somé, traz explicações e depoimentos de formas de viver e amar numa comunidade do continente africano. Diante das experiências narradas pela filósofa, há quase sempre uma comparação entre a forma de vida do Ocidente e outras práticas que, diante da vivência ocidental, não seriam aceitas ou consideradas legítimas. Somé (2003) sustenta que o povo, no Ocidente, geralmente, vive longe do espírito, o que, para o povo Dagara, onde ela viveu, são as forças da natureza. Assim, a autora acredita que há uma força espiritual vital em todos os relacionamentos (Cf. SOMÉ, 2003).

Nessa perspectiva, Somé (2003) aponta inúmeras relações entre o modo de vida das mulheres no Ocidente e os relacionamentos fundados no eito patriarcal. Dessa maneira, aprofundar estudos sobre a forma de amor relacionada ao estranhamento causado pela “pigmeia” evoca visões ocidentais e formas de vida, revelando discursos e ideais construídos historicamente por um viés escravocrata. Tais ideais são elencados por Abdias Nascimento (2019), em sua obra *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*, quando o autor traça um panorama da história, vivência e enfrentamentos do negro no Brasil. O autor insiste que, muitas vezes, recebemos informações distorcidas.

No caso do Brasil, por exemplo, o ponto central do racismo é a chamada democracia racial, que manipula fatos concretos e prejudica o estudo das realidades relacionadas à negritude (Cf. NASCIMENTO, 2019). Por conseguinte, se tomamos como referência o conto de Clarice Lispector, o imaginário ocidental das famílias brasileiras que veem a foto da “pigmeia” no jornal faz com que aquelas pessoas a enxerguem, mas distorçam a sua existência.

Dessa maneira, por mais que o estudo central seja observar a riqueza existente no modo de vida da personagem principal do conto e não meramente o racismo estrutural, não é possível separar um ponto do outro. Ainda assim, vale lembrar que o racismo estrutural não pode ser a única via possível de análise da vida do povo negro, tampouco

transformar-se num empecilho que não deixa ver e atentar para a riqueza existente no modo de vida do povo africano. Por isso, para fundamentar ainda mais essa percepção e estudo acerca da estruturação do racismo na sociedade, a obra acima referida, de Abdias Nascimento (2019), será de extrema importância.

Ademais, no que se refere às significações do racismo na sociedade, será importante recorrer a Silvio Almeida, com seu emblemático texto *Racismo Estrutural* (2019). Nesse livro, o autor, de maneira cuidadosa, traça diferenças entre as diversas formas de racismo na sociedade, baseando-se em visões particulares, mas também com articulações científicas e institucionais desse crime nefasto. Tudo isso dá elementos para adentrar no texto de Clarice Lispector e reconhecer sua escrita aguda a esse respeito, enquanto vamos conhecendo as atitudes da personagem do colonizador na obra, ambientada “nas profundezas da África Equatorial”, em meio a uma aldeia de homens pretos que lá viviam e que passam a ser encarados como objeto de estudo e *descoberta*.

Vale ressaltar que a visão do elemento esotérico, estranho, indesejado, animalizado que há sobre os povos pretos na sociedade é construída por um processo ideológico que fundou a sociedade ocidental, por meio da escravização, da submissão e da segregação. A perspectiva do Ocidente, quando direcionada ao Oriente, é, na maioria das vezes, como um lugar inferior, com pessoas inferiores e culturas ditas *primitivas*, no sentido pejorativo do termo, sinônimo ofensivo de *atrasadas*. Foi importante para o Ocidente afirmar-se assim diante do Oriente, pois essa atitude justifica todo processo de colonização e de dominação.

De igual modo, foi criada a visão da Europa e, conseqüentemente, da cultura ocidental, como sendo o centro do mundo, ocupando o poderoso lugar de dominação cultural e até mesmo de lugar de enunciação discursiva. Nessa mesma lógica, a cultura que não se enquadra no parâmetro ocidental não é respeitada ou considerada, por isso, o Oriente segue sendo uma grande invenção do Ocidente, que se mantém no centro, conforme nos apresenta Edward Said, em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (2007).

Finalmente, com *Pele negra, máscaras brancas* (2008), Frantz Fanon aborda, de maneira contundente, o comportamento de pessoas negras diante do indivíduo branco, levando em consideração o processo de formação social. Isso torna ainda mais próxima

e evidente a relação estabelecida entre o texto de Clarice Lispector e o de Sobonfu Somé quando iluminados, ainda, pelas contribuições teóricas dessas *outras epistemologias possíveis*. Elas ajudam o pensamento a abrir mais as fronteiras do Ocidente até que se toquem realmente outras enunciações que deflagram, insistentemente, outros modos de ser e de agir, convivendo com essas concepções de mundo ainda vigentes e operantes.

A menor mulher do mundo: minorizada diante do imaginário ocidental

A menor mulher do mundo, no texto de Clarice Lispector, era uma mulher negra, africana e que não vivia em lares e casas como os do ambiente urbano do Ocidente. Não era uma mulher que vivia para a família, muitas vezes sozinha, levando em seus ombros o peso da criação dos filhos, da maternidade ou até mesmo da subserviência na casa dos patrões – se for possível retomar os moldes coloniais ocidentais sob os quais mulheres pretas foram historicamente submetidas. Faz-se necessário, com isso, observar como a mulher negra é diminuída na sociedade, como o seu sentimento não é considerado, como o seu amor é deslegitimado pelo desrespeito, pelo patriarcado e pela hipersexualização. Falar de amor de uma mulher negra é lidar com a animalização e a retificação histórica de seus corpos, fatos apontados por Abdias Nascimento (2019).

O autor sublinha, ainda, que as mulheres negras eram vítimas do estupro e da animalização. Essas são vistas, ainda hoje, como indignas do respeito e do cuidado, vendidas para o exterior como símbolo de uma democracia racial inexistente, o que fomenta o racismo estrutural no Brasil. Vale notar que o símbolo de democracia racial se deu, no Brasil, pela violência sexual, que resultará na miscigenação que ocorrerá entre homens brancos e mulheres negras, mas que jamais significará a inexistência do racismo no solo brasileiro (Cf. NASCIMENTO, 2019).

Por esse motivo, ao franquear o texto de Clarice Lispector, colocando o enfoque sobre a mulher retratada ali, é importante mover o olhar para as mulheres negras ancestrais, que foram vítimas dos moldes ocidentais que mataram sua humanidade, dignidade, feminilidade e liberdade. Por outro lado, também se pode pensar em

mulheres como as que sobreviveram em meio ao caos – se for possível retomar a primeira república africana no Brasil, a República dos Palmares, e as mulheres que lutaram em sua defesa, assim como as que lutaram pela liberdade do povo preto no Brasil (Cf. NASCIMENTO, 2019).

Dito isso, como compreender, então, o amor da mulher abordada no texto de Clarice Lispector se ela não estava sendo compreendida diante do olhar colonizador de Marcel Pretre? O seu nome não foi mencionado, mas a sua existência foi violada a partir do instante em que o explorador se encontra no direito de nomeá-la. Dar nome ao objeto, ao animalzinho encontrado, é muito comum em momentos de estudo e experiência, por isso é importante refletir que um objeto, um micróbio no laboratório, uma bactéria, tudo pode ser nomeado, mas pouco importa se há sentimento ali. Além disso, a mulher com a qual Pretre se encontrou não era apenas uma mulher de baixa estatura, ela era *a menor mulher do mundo*, diante de toda uma comunidade, e, para completar, estava grávida.

Abdias Nascimento destaca, ainda, que as pessoas pretas foram destituídas de humanidade, não sendo ouvidas as suas indagações, ou enxergada com empatia e equidade sua existência, o que se pode ver em muitos estudos realizados no Brasil. O autor chama a atenção para um momento em que o negro é comparado a um micróbio estudado por um biólogo em um laboratório, manuseado por um “cientista” social brasileiro (Cf. NASCIMENTO, 2019). Um tratamento como esse deixa perceber que não se conferia sentimento, humanidade, diversidade ao povo preto. Ele era apenas objeto de estudo dos indivíduos considerados superiores pela sociedade. Consequentemente, o tamanho de Marcel Pretre em relação à mulher, no conto, evidencia a forma como o homem branco, com pensamentos fundamentados pelo patriarcado e pelo racismo científico, poderia se enxergar diante dela. Analogamente, esta também é a maneira como a sociedade ocidental enxerga o homem branco diante da pessoa negra, de maneira geral, devido ao racismo estrutural.

É digno de nota, ainda, que a mulher foi apresentada para o Ocidente por meio do homem ocidental, como sendo “escura como um macaco” (LISPECTOR, 2016, p. 193). Rapidamente se vê como a sua humanidade foi, de fato, descartada, a sua cultura não foi levada em consideração e apenas os pensamentos e discursos contaminados pela

herança colonialista vão tomando conta da sociedade. Além disso, vendo as reações dos leitores dos jornais daquele domingo, percebe-se que, para muitos deles, olhar para aquele indivíduo de uma cultura diferente causou aflição e gerou sentimentos de pena. Cabe, portanto, a pergunta: essa é a visão que se tem do continente africano?

Sobonfu Somé afirma que a diferença entre a vivência no Ocidente em relação à comunidade africana na qual vivia era que “não se tinham amenidades, como eletricidade e água corrente” (SOMÉ, 2003, p. 15). Diante do exposto, o modo de vida da comunidade descrita por Somé é visto pelo Ocidente de maneira penosa, por possuir formas diferentes de vida, para se obter água ou até por não morarem “em casas que não entravam baratas” (SOMÉ, 2003, p. 15). A questão é que, segundo a autora, o povo estava tão próximo da natureza e da terra que isso era uma grande dádiva (Cf. SOMÉ, 2003). Percebe-se, assim, que a cultura do povo Dagara era de adoração ao espírito e à natureza; viver em comunidades e não em caixotes era uma maneira de manter acesas as relações, o amor, seja com o companheiro, seja com a comunidade.

O texto de Clarice Lispector, por sua vez, lança luz sobre a liberdade da criação da mulher negra em sua comunidade, andando livremente pelo lugar em que vivia e amando. Mesmo seu filho anda livremente, e ela o deixa correr pela floresta – a liberdade na natureza é amor. Esse elemento é sumamente importante, pois em “África as famílias são amplas [...] as crianças também são estimuladas a chamar outras pessoas de fora da família de pai, mãe, irmãos e irmãs” (SOMÉ, 2003, p. 24). Assim, as crianças estão seguras em sua liberdade de andar pela sua aldeia, conversar com seus irmãos e companheiros, nessa conformação de famílias mais estendidas.

É imprescindível, pois, pensar a formação familiar no Ocidente, onde uma única mulher e um único homem precisam educar suas próprias crianças. Levando em consideração a construção patriarcal, citada no texto de Clarice Lispector, as mulheres vivem para a maternidade e os cuidados domésticos. No povo africano do qual Somé faz parte, a comunidade era primordial para cuidar da criança. A autora destaca que existe uma forte pressão quando se deixa essa atividade de extrema importância nas mãos apenas de um casal ou da mulher. Evidenciando que o pensamento de duas pessoas possui muitas limitações, a autora entende que é cobrar demais de apenas uma ou duas pessoas (Cf. SOMÉ, 2003). Considera, por isso, que, na aldeia, há muitos indivíduos com

pensamentos e pontos de vista diversos, o que pode ajudar um casal a observar questões para as quais possam não estar atentos. De maneira análoga, a forma como “Pequena Flor” vivia em relação à comunidade de Somé se assemelha, pois a aldeia é importante para manter a vida e o funcionamento diário de cada indivíduo.

Noutro ponto do texto de Clarice Lispector, uma menina de cinco anos de idade que havia visto a foto de “Pequena Flor”, ouvindo os comentários dos adultos, ficou espantada. É que, naquela casa, ela era, até então, o menor dos seres humanos. “E, se isso era fonte das melhores carícias, era também fonte deste primeiro medo do amor tirano” (LISPECTOR, 2016, p. 195). Isso levou-a a sentir, em tão tenra idade, que a desgraça não tem limites. A vida da “pigmeia” é vista, assim, como uma desgraça e sua existência, como sendo triste. É difícil, para as pessoas ocidentais, não apenas no conto, certamente, observarem a riqueza que há por trás da vivência da mulher, tão livre para amar, diferentemente das mulheres ocidentais, circunscritas às teias do patriarcado e a seus maridos, em um papel subserviente tantas vezes.

Nesse sentido, a mulher negra, que, diante dos parâmetros historiográficos, foi vista como uma peça (tal qual o homem negro), é vista pelas personagens do conto como menos civilizada. Por conseguinte, é possível notar como aqueles que não possuem visões, crenças e valores do Ocidente são vistos como coitados, menos afortunados, incivilizados e inferiores. “Mamãe, olhe o retratinho dela, coitadinha!” (LISPECTOR, 2016, p. 196). Tais crenças e visões se comprovam por meio de ações violentas e de uma gama de discursos que se veem reproduzidos na cena cultural contemporânea, até mesmo quando se trata de muitos direitos básicos que deveriam ser universais, mas não atingem as pessoas negras.

Outros ainda se referem ao continente africano como um antro de miséria, desmerecendo sua riqueza e cultura, o que leva Edward Said a afirmar que o Oriente representa uma construção ideológica, para a Europa, uma mescla de discursos e imaginários sociais transformados pelo olhar do colonizador (Cf. SAID, 2007). Sendo assim, é possível reconstituir a forma como os personagens, mesmo as famílias brasileiras retratadas no conto, enxergam a comunidade africana, pois o país está imerso nas fortes irradiações do processo histórico colonialista e escravagista.

Com isso, falar de pessoas pretas, de amor e de intimidade é um processo de compreensão, é pensar que esses indivíduos, no Ocidente, muitas vezes, sofrem com o que sentem sobre si e sobre o outro, por serem um corpo historicamente abjeto. Nessa perspectiva, dizer que o Ocidente não compreende o amor da “Pequena Flor” equivale a afirmar que esse amor foi negado para homens e mulheres negras. De tal modo que é possível retomar Frantz Fanon e lembrar que, ao homem negro, era negada, até mesmo, a sua masculinidade, pois o homem que dormisse com uma mulher branca sofria castração. Por isso, o processo de colonialismo faz com que ele se negue a si próprio e aos seus, enxergando-se como inferior ou vivenciando a experiência de tornar-se um grande tabu para os seus semelhantes, ao provar do fruto proibido (Cf. FANON, 2008).

Dessa forma, tanto o homem negro como a mulher negra que busquem entrar em um processo de aceitação no mundo dos homens brancos, ambos sofrem diante de si mesmos um processo de auto-ódio, que nega a sua ancestralidade e a sua liberdade, podadas diante da realidade ocidental de animalização. Por conseguinte, os personagens ocidentais, no texto, são um reflexo do que fizeram pessoas pretas acreditarem sobre si próprias, o que faz Frantz Fanon mencionar que, geralmente, o homem de cor diante do homem branco se sente em desespero, revelando as atrocidades de toda e qualquer sociedade que seja racista (Cf. FANON, 2008).

Somé lembra, ainda, que, no Ocidente, geralmente, as pessoas estão afastadas do espírito, o que, segundo a autora, pode ser uma referência aos espíritos ancestrais, à terra, à natureza, ao espírito, que conduzirá os relacionamentos para o bem (Cf. SOMÉ, 2003). Para ela, na cultura ocidental, existe muita dominação e poder, mesmo nos relacionamentos, porque há o desejo de tornar o outro subserviente. Muitos jovens Dagaras que saíram da aldeia para estudar nas escolas, nas quais eram realizados ensinamentos franceses, se distanciaram das aldeias e passaram a sentir vergonha (Cf. SOMÉ, 2003).

É possível perceber, assim, mais uma analogia com a forma como a cultura de “Pequena Flor” é observada pelas personagens no texto. O amor é apenas um viés da dominação e do materialismo, como no caso em que uma das personagens, ao observar

o filho, decide comprar para ele um terno (Cf. LISPECTOR, 2016), apenas para distanciá-lo da realidade da “pigmeia”, que parece pobre, miserável, infeliz, tudo e nada!

Em uma das casas, havia, ainda, o desejo de reificar a mulher negra como uma peça, como uma coisa para brincar da forma como desejavam, na ávida vontade de “possuir um ser humano só pra si [...]. O que, é verdade, nem sempre seria cômodo, há horas em que não se quer ter sentimentos” (LISPECTOR, 2016, p. 197). Esse trecho pode remontar ao período escravista em que os indivíduos negros eram possuídos, vendidos, usados, assassinados por muito pouco. É possível notar a atitude escravocrata da sociedade mesmo após a abolição, retomando-se o caráter estrutural do racismo que está nos moldes como a sociedade é edificada, pois, se o racismo age pelas instituições ou pode emergir de ações individuais, como vistas no texto, é pelo motivo de haver uma estrutura social prévia com todas as relações e conflitos inerentes (Cf. ALMEIDA, 2019).

Outro ponto a reconsiderar é o amor tirano, que conduz as mulheres no Ocidente à maternidade. Um dos momentos mais interessantes do conto é quando, em um orfanato, não tendo boneca com qual se divertir, as meninas escondem uma menina morta apenas pelo desejo de brincar e exercer o papel materno que pulsava em suas veias. Uma das personagens entendeu que daí advinha a cruel necessidade de amar (Cf. LISPECTOR, 2016). Por outro lado, para o povo Dagara, a maternidade não é exercida apenas pela mulher, mas por diversas mulheres na aldeia, e a paternidade, no que diz respeito aos homens, não é deixada de lado. Além disso, o sentimento, o cuidado, a emoção, a sensibilidade são questões que perpassam o gênero masculino; acredita-se que os homens devem deixar sempre acesa a sua parte considerada feminina, bem como as mulheres deixarem acesa a sua parte considerada masculina, pois essas energias precisam estar em harmonia no modo de viverem a vida (Cf. SOMÉ, 2003). Assim, embora haja diferenças nas tarefas, as diferenças não existem para incitar um imaginário sexista. A forma de vida do povo Dagara é semelhante à vida da mulher negra no texto: uma vida livre em que a maternidade não é um peso, tampouco uma imposição.

“Pequena Flor” também se coçou onde não se deveria coçar. Ali, naquele momento, o explorador desviou o olhar como que em sinal de castidade (Cf. LISPECTOR, 2016). Nesse ponto, é importante considerar a forma como o prazer da mulher é inibido na sociedade, como os moldes patriarcais tornam as pessoas do gênero

feminino submissas apenas ao prazer masculino. Esse é mais um traço do patriarcado que desconsidera que mulheres são capazes e podem sentir desejo ou prazer por outra pessoa, traço que, no povo Dagara, descrito por Somé, não fazia sentido, visto que as mulheres e os homens se dão de maneira respeitosa. As pessoas trocam de roupa umas na frente das outras, tomam banho de rio, as casas servindo apenas para dormir (Cf. SOMÉ, 2003).

Mesmo a maneira como a comunidade é regida se faz de maneira equânime, considerando-se a quantidade de pessoas dos gêneros masculinos e femininos. Assim, os mais velhos, que ajudam a cuidar e a garantir decisões da aldeia, não realizam sua tarefa em nome do poder, mas do bem-estar (Cf. SOMÉ, 2003). As pessoas produzem apenas o que precisam e isso ocorre mesmo diante de um continente africano passando por moldes colonizadores. Em relação à vivência de “Pequena Flor”, a forma de vida do povo Dagara se assemelha, sobretudo, no viver com o que é necessário, porque ser feliz, para ela, era não ser comida. De igual modo, o povo Dagara, metaforicamente, não foi comido pela forma de vida colonialista, porque manteve e mantém sua essência, tradição e respeito pelos outros e pela terra onde vivem. Não há, pois, no povo Dagara, o desejo de comandar, dominar, criar excedentes, pois até mesmo a terra onde vivem, eles a consideram emprestada pelo espírito.

Um último ponto a ser destacado é quando a população da “pigmeia” está sendo exterminada por outro povo que os caçava e comia. Com o processo de colonização, o modo de vida, a episteme, os princípios das diversas populações africanas foram exterminados; eles, em certa medida, foram devorados. Quando os jovens Dagaras eram destituídos de seu espírito para se banhar nos moldes da educação colonial, eles também eram comidos, a sua essência era comida e substituída pela vergonha de sua história. Com o processo de escravização, genocídio e epistemicídio, o povo preto foi e continua sendo comido e exterminado. O povo da “pigmeia” estava sendo comido sempre que sua alegria, seu modo de vida, seu modo de amar era comparado ao modo de amor do Ocidente e deslegitimado, porque precisava ser substituído pelo outro, considerado único e correto. O povo negro, na sociedade ocidental, é comido um por um a cada dia que lhe é negada sua história de vida e a riqueza dos seus povos ancestrais, e quando lhe são negados os direitos básicos de existência.

Considerações finais

Como se viu, o texto de Clarice Lispector (2016) e o livro de Sobonfu Somé (2003) são primordiais para se compreender a divergência entre o Ocidente e o Oriente exposta no conto. Lançando mão de ambos os textos, foi possível realizar muitas analogias a respeito da forma de vida ocidental e da maneira deslegitimada como o continente africano é visto historicamente até hoje. O texto de Somé, *O espírito da intimidade*, em comparação com *A menor mulher do mundo*, permite pensar em uma perspectiva ancestral, a partir da forma como a personagem do texto vivia, além de mediar reflexões sobre o amor, a liberdade e a intimidade.

É necessário ressaltar, portanto, que a morte da qual a “pigméia” escapa e se sente feliz por não a ter, ainda, encontrado, também pode ser uma analogia. Afinal, muitas pessoas pretas continuam mantendo vivas em si a esperança de mostrar para o seu povo que há riqueza na ancestralidade africana, evidenciando que, na trajetória dessas pessoas, há espaço para muita coisa e muita vida, para além da insistência constante num racismo perverso. A problemática existe, é verdade, e precisa ser pontuada, mas Somé (2003) faz com que se perceba, antes de tudo, a riqueza e a beleza na forma de vida do povo Dagara.

Sem sombra de dúvidas, em comparação com o conto de Clarice Lispector, o texto de Somé faz sobressair o modo como a personagem, mesmo deslegitimada, amava, vivia e sentia-se feliz no seu habitat, na sua comunidade e na sua forma de vida. Tal qual o povo Dagara, ela nunca se deixou ser devorada pela forma de vida ocidental, à qual se submeteu durante tantos anos.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LISPECTOR, Clarice. A menor mulher do mundo. *In*: LISPECTOR, Clarice; MOSER, Benjamin (orgs.). **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 193-200.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Rio de Janeiro: Odysseus, 2003.

Recebido em 31/05/2022.

Aprovado em 23/09/2022.